

CARLOS DE OLIVEIRA, CENTENÁRIO: ENCONTROS E DIÁLOGOS

Se vivo fosse, neste ano de 2021, o escritor português Carlos de Oliveira (nascido em Belém do Pará, Brasil) teria completado em 10 de agosto cem anos de vida. Infelizmente, faleceu muito antes, em 1981, próximo de completar seus 60 anos. Sua obra reunida foi publicada pela Editora Caminho, em 1992, respeitando a vontade autoral que excluía de sua produção publicada o livro *Alcatéia*, originalmente editado em 1944 e com a segunda e última edição no ano seguinte. Seus outros títulos editados ao longo dos anos 40 e 50 sofreram um processo longo de reescrita, num trabalho de decantação da linguagem literária que o autor perseguia obsessivamente e parcialmente revelou nas reedições publicadas na década de 60 e 70. Seus dois últimos livros, *Pastoral* (poesia, 1977) e *Finisterra* (prosa, 1978) formaram a cúpula de sua criação.

Reconhecido como uma das vozes mais singulares da poesia portuguesa do século XX e um prosador ímpar do Neo-Realismo, Carlos de Oliveira continua sendo um escritor fundamental a ser conhecido, lido e relido, tal o impacto de sua escrita exigente com a presença questionadora de opções estéticas, sociais, políticas e culturais que continuam a ressoar em suas páginas e dialogam com nossa contemporaneidade. Com esse horizonte de trabalho, o escritor supera seu tempo de existência e pode ainda nos interpelar fortemente. As novas edições de suas obras, agora pela editora Assírio & Alvim, possibilitam o acesso ao leitor interessado e mesmo *Alcatéia* foi republicado neste ano de seu Centenário, como gesto editorial de recuperação de um romance que há mais de setenta anos estava silenciado, só acessível em alguns bibliotecas. Na celebração do Centenário, houve ainda a realização de diversos colóquios, seminários e encontros, no Brasil, na Argentina, em Portugal, na Suíça (Universidade de Zurique, Cátedra Carlos de Oliveira), na França, e outros espaços acadêmicos, para discussão de suas obras e, sobretudo, do seu pensamento radicalmente compromissado com o homem e com a literatura.

Um outro fato que não podemos deixar de referir por ser muito significativo para possibilitar novos estudos da produção de Carlos de Oliveira foi a doação de seu espólio literário, ocorrida em 2012, a partir da vontade de sua viúva, companheira da vida e da escrita, Maria Ângela de Oliveira. A existência desse espólio surpreendeu a muitos, já que era corrente que o autor rasgava muito do que produzia e era avesso a entrevistas ou outras ações de divulgação da obra. No entanto, esse espólio reunindo correspondência ativa e passiva, edições anotadas, esboços, anotações diversas, provas tipográficas suas e de outros companheiros de letras, fotografias, desenhos do autor, passou a representar desde sua divulgação pública a partir da *Exposição Carlos de Oliveira: a parte submersa do iceberg*, curadoria do Professor Osvaldo Silvestre (Universidade de Coimbra), no Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira, de 18 de março a 29 de outubro de 2017, um outro território de criação e de compreensão dos problemas que se punham ao escritor ao longo dos seus anos de vida literária. Com essa oficina agora aberta à nossa visita, a obra completa fixada pelo autor em vida passa a ser movimentada de forma diversa, permitindo outras trilhas de estudo ou mostrando ao pesquisador um mosaico de questões, respostas parciais e buscas permanentes do escritor.

Ao participarmos da celebração do centenário de nascimento desse escritor que cada vez mais nos interpela, a Revista *Metamorfoses* da Cátedra Jorge de Sena, UFRJ, ofereceu este número para que organizássemos um dossiê de estudos a seu respeito. Chamada pública feita aos pesquisadores, avaliações realizadas, chegamos a um conjunto de textos que consideramos uma contribuição bem significativa para a revisitação de suas obras, aliando-se a outras publicações (livros) que virão a luz até 2023 com os muitos estudos apresentados nas atividades realizadas ao longo de 2021.

O dossiê se abre com a procura de um retrato de Carlos de Oliveira – encoberto, desvelado ou erodido segundo a sua poética. Renato Roque, que fotografou a Gândara tendo como filtro a literatura oliveiriana e produziu o ensaio fotográfico *Escrito com Cal e com Luz*, reflete sobre a composição do livro, explorando as afinidades entre a escritura de Carlos de Oliveira e a fotografia, apontando relações de tema e procedimento que especialmente *Micropaisagem* e *Finisterra* estabelecem com o trabalho fotográfico, para afinal revelar um “escritor quase-fotógrafo” que, no entanto, assim como o passado, não se deixa completamente capturar. No estudo a seguir, guiado pelo pensamento de Jacques Derrida, Thalles Candal sonda na paisagem em ruínas de *Finisterra* um autorretrato do seu autor, lendo na escritura do último romance de Carlos de Oliveira um processo de desfiguração do sujeito, da história, do real e do enredo que proporciona uma radical identificação do autor com o mundo árido dos camponeses que já não apenas representa, mas ao qual se incorpora, como traço legível. É também pela paisagem, ou antes: pelas paisagens – a casa e a terra vista pela janela –, que Gisele Seeger conduzirá sua própria leitura de *Finisterra*, mostrando como o espaço, sempre perspectivado no romance, funciona como eixo de elaboração da narrativa, bem como lugar de especulação acerca de suas possibilidades e de seus limites, atuando, portanto, como categoria ficcional e metaficcional.

Já Monica Figueiredo vê como eixo estruturador de toda a obra narrativa de Carlos de Oliveira, o feminino, tantas vezes relegado a segundo plano pela crítica que trata do Neo-realismo. Acompanhando as mulheres que povoam os romances desde *Casa na duna* até *Finisterra*, e com bastante atenção a *Pequenos burgueses*, seu artigo mostra como as personagens femininas oliveirianas atuam como figuras-chave tanto na organização do enredo como na articulação entre a construção literária e o seu projeto de representação do real, segundo a reflexão de Barthes. São elas que operam certa ruína da referencialidade e abrem espaço para a recriação poética do real. Por isso mesmo, será uma delas, a Luciana que surge em *O aprendiz de feiticeiro*, a encarnação do trabalho literário de Carlos de Oliveira: mais um retrato do escritor. Repercutindo o tema, também Alana Hoffmann detém-se sobre as figuras femininas da ficção oliveiriana, estudando mais detidamente as mulheres que se destacam em *Casa na Duna*: sua caracterização, as relações que estabelecem entre si, com as personagens masculinas e com o espaço social em que se inserem, bem como seu papel na ordem romanesca.

O estudo desenvolvido em parceria por Gabriel Guimarães Barbosa e Drisana de Moraes articula esse primeiro movimento, de busca por um retrato transfigurado do autor e de seu pensamento ético e estético na sua paisagem textual, a um segundo motivo muito marcante nos textos que compõem o dossiê: os diálogos com outros escritores e o intenso trabalho citacional que parece, mais do que caracterizar, conformar, como exercício necessário, a criação de Carlos de Oliveira. E faz essa passagem contemplando justamente um encontro intertextual com a poesia de uma mulher. Pondo lado a lado os poemas “Rasto”, de Oliveira, e “(Este) rosto”, de Fiama Hasse Pais Brandão, o texto crítico, também a duas vozes, pensa o trabalho da imagem e a reflexão metapoética que ligam esses dois universos poéticos e, como em espelho, fazem ver rostos insinuados em rastros, e rastros insinuando-se em rostos. A autoconsciência desse intenso pendor intertextual, tornado, portanto, princípio poético, surge com prodigalidade de exemplos no artigo de Patrícia Resende Pereira, que, em visita ao espólio do escritor, mostra como, para Carlos de Oliveira, a leitura era constitutiva da escritura. “O escritor é, antes de tudo, um leitor” e escreve com as “palavras dos outros”. Em sentido inverso, mas complementar, Livia Penedo Jacob investiga repercussões da escritura de Carlos de Oliveira em outros autores, detendo-se especialmente na relação entre o romance de Oliveira, *Uma abelha na chuva*, e *O Delfim*, de José Cardoso Pires, cujas afinidades foram bem percebidas e aproveitadas pelo realizador Fernando Lopes, que dirigiu versões das duas obras para o cinema.

Andreia Castro retorna à já bem estabelecida relação entre Carlos de Oliveira e Camilo Castelo Branco para propor, porém, o exercício menos praticado de um atrito de texto com texto, aproximando *Uma abelha na chuva* e “Maria Moisés”, descobrindo entre o romance e o conto elos estruturais e temáticos. A estudiosa se concentra na imagem da casa, fundamental nas duas obras, como representação de Portugal, e daí desdobra semelhanças e divergências na

perspectiva de cada autor, bem como de sua época, acerca da pátria e de sua imagem. Também no artigo de Mônica Genelhu Fagundes o diálogo se revela pela relação direta entre textos, nesse caso poéticos, de Carlos de Oliveira e de Herberto Helder. Tomando o entremeio como metáfora operativa, a pesquisadora busca ocorrências das mesmas imagens nas obras dos dois poetas, num enredamento de textos que vai dando a ver motivos comuns, nós, sobreposições que, sem imiscuir indistintamente as duas tessituras poéticas, destacam fios e figuras que as unem numa espécie de renda feita de elos e de intervalos.

O texto de Luís Maffei revisita as decisivas interações textuais e afetivas que aproximam Carlos de Oliveira e Gastão Cruz, concedendo a Fiana Hasse Pais Brandão o lugar fundamental do permeio poético nessa relação. O ensaio é pensado e ordenado – e, espera-se, percorrido – como um labirinto entre a vida e a morte. O tempo, materializado no intervalo entre a sua composição e a sua publicação neste dossiê, impôs-lhe mais uma dobra: se então Gastão Cruz ainda vivia a duração da sua morte (nas palavras do ensaísta e amigo do poeta), agora já essa morte sobreveio. Essa (tão labiríntica) reviravolta não faz, porém, o texto estar em atraso, ou assumir o estatuto de um memorial – antes, ele parece ter assim se aproximado um pouco mais de algo que almeja para a própria poesia de que trata: uma abertura, certa indecidibilidade entre sucesso e fracasso, existência e desistência, memória e esquecimento: ou a liberdade de “um belíssimo salto no abismo”. Não será outra coisa o que celebramos num dossiê como este: o tempo outro povoado pelos escritores que, lidos e relidos, vão sobrevivendo, centenários. E a nos ensinar muita coisa que ainda vamos descobrindo que sabiam. O último artigo, assinado por Sérgio Rodrigues, desvenda aspectos da Química presentes na literatura oliveiriana, mostrando como o conhecimento dessa ciência, entre muitas outras, se fez importante na sua recriação poética do mundo. Esse texto é uma espécie de aceno do futuro a Carlos de Oliveira, confirmando indícios que a sua poesia e a sua ficção insinuavam como anseio: como a fórmula da porcelana tão fina que seria capaz de voar, sonhada em *Finisterra*, e tornada viável neste nosso tempo que – como negar? – é ainda tempo *de e para* Carlos de Oliveira.

A oficina do escritor segue movimentada, num “voo de papeis” promovido por seus leitores. Suas vozes afinam melhor do que aquela, turbilhonante, do tio de *Finisterra*, mas fazem valer o dizer da personagem, perfeitamente deslocado para a potência da invenção literária do seu criador: “O sonho custa a domesticar” (OLIVEIRA, Carlos de. *Obras de Carlos de Oliveira*. Lisboa: Caminho, 1992, p. 1060-1061).

Ida Alves
Mônica Genelhu Fagundes
Organizadoras